



Criação de livro de contos: importância do desenvolvimento da capacidade autoral de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Gisele de Assis Carvalho Cabral¹

Érika Christina Kohle²

¹Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, São Paulo, Brasil.

²Universidade Estadual Paulista – “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, São Paulo, Brasil. E-mail: erika.kohle@unesp.br

RESUMO. Este artigo tem como objetivo enfatizar a importância das criações enunciativas pelas crianças em situações sociais de trocas verbais. Nesse sentido, evidencia-se o papel do professor ao propor a criação coletiva de um livro de contos para a turma como possibilidade de desenvolvimento de capacidades leitoras e criadoras de enunciados, cujos atos se evidenciaram entre enunciadoreis reais que utilizaram a linguagem escrita como meio de produção de sentidos. Trata-se de um relato de parte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida à luz dos aportes teóricos da filosofia da linguagem bakhtiniana e da Teoria Histórico-Cultural, por meio da metodologia dialógica. Com o relato da experiência, constatou-se que, por meio da elaboração de atos de escrita do gênero do enunciado conto pelas crianças, foi dada a possibilidade a elas de experienciar situações autênticas de criação verbal escrita e, assim, de entenderem a verdadeira função desse instrumento cultural.

Palavras-chave: criações enunciativas, situações sociais de trocas verbais, linguagem escrita.

Creation of story books: importance of developing the authorial capacity of children in the Early Years of Elementary School

ABSTRACT. This article aims to emphasize the importance of enunciative creations by children in social situations of verbal exchanges. In this sense, the role of the teacher is evident when proposing the collective creation of a book of short stories for the class as a possibility of developing reading skills and enunciation creators, whose acts were evidenced among real enunciators who used written language as a means of communication. sense production. This is an experience the part of a doctoral research developed in the light of the theoretical contributions of the Bakhtinian philosophy of language and the Historical-Cultural Theory, through the dialogic methodology. With the reported experience, it was found that, through the elaboration of writing acts of the genre of the tale utterance by the children, they were given the possibility to experience authentic situations of written verbal creation and, thus, to understand the true function of this cultural instrument.

Keywords: enunciative creations, social situations of verbal exchanges, written language.

Creación de libros de cuentos: importancia de desarrollar la capacidad autoral de los niños en los Primeros Años de la Escuela Primaria

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo enfatizar la importancia de las creaciones enunciativas de los niños en situaciones sociales de intercambios verbales. En este sentido, se evidencia el rol del docente al proponer la creación colectiva de un libro de cuentos para la clase como posibilidad de desarrollar habilidades lectoras y creadores de enunciación, cuyos actos se evidenciaron entre enunciadoreis reales que utilizaron el lenguaje escrito como medio. de comunicación producción de sentido. Se trata de un relato de parte de una investigación doctoral desarrollada a la luz de los aportes teóricos de la filosofía del lenguaje bakhtiniana y de la Teoría Histórico-Cultural, a través de la metodología dialógica. Con o relato de experiencia, se constató que, a través de la elaboración de actos de escritura del género de la enunciación del cuento por parte de los

niños, se les dio la posibilidad de vivenciar situaciones auténticas de creación verbal escrita y, así, comprender la verdadera función de este instrumento cultural.

Palabras clave: creaciones enunciativas, situaciones sociales de intercambios verbales, lengua escrita.

Introdução

Este artigo objetiva compartilhar parte de uma pesquisa de doutorado que, por ter contribuído com nossa trajetória, tanto acadêmica – na condição de pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) –, como profissional – por exercermos as funções de professora e de diretora de uma rede municipal de ensino do interior paulista, pode também aperfeiçoar os conhecimentos tanto práticos quanto teóricos de docentes e de gestores, mais especificamente, relacionados aos processos de ensino e de aprendizagem de atos de escrita.

A parte da investigação compartilhada diz respeito a uma proposta de criação autoral para crianças do quinto ano do Ensino Fundamental que se apoiou nos princípios da Filosofia da Linguagem, da qual os principais expoentes são Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov, porque tal aporte teórico enfatiza a concepção de ensino da linguagem escrita como forma de estabelecer relações entre as pessoas a partir de enunciados produzidos em situações de trocas verbais reais.

Para a materialização de tal proposta foi proporcionada a mencionada turma de cerca de 25 crianças numa vivência mais ampla em relação à linguagem escrita com vistas à formação de escritor, portanto, de criador de enunciados escritos publicáveis, cujos atos se evidenciaram entre interlocutores reais que utilizaram as ferramentas da linguagem escrita como meio de produção de sentidos.

A partir do objetivo de proporcionar às crianças a criação de enunciados publicáveis, a proposta se comprometeu com o ensino da linguagem com criação de sentidos, que contempla a função social dos enunciados, inserindo-os na vida de seus interlocutores, por não concordar com a manutenção das criações verbais escritas das crianças arquivadas em pastas de produção textual sob pretexto de documentarmos avanços das capacidades de escrita de seus autores, como se tem feito com frequência nas escolas dos Anos Iniciais de Ensino Fundamental, propôs-se a publicação de um livro de contos criados pelas crianças autoras.

Ressalta-se a publicação de enunciados pelas crianças pode ajudá-las a escrever cada vez melhor porque o objetivo (para que escrever?) e o destinatário (para quem escrever?) de seus enunciados são reais e não artificiais. Além disso, a necessidade de publicar um livro com as crianças foi alimentada pelas discussões realizadas nos grupos de pesquisa relacionados à alfabetização e o ensino da linguagem humanizadores do Programa de Pós-Graduação da UNESP de Marília.

Desse modo, a publicação do livro de contos de aventuras intitulado “No meio dos quinze contos de aventura tem um pé de imaginação!” foi o produto materializado a partir do desafio proposto à turma referida: criar narrativas de aventuras a partir de estratégias elaboradas por um renomado autor da literatura infantojuvenil brasileira. As crianças se inspiraram em alguns dos dezessete passos pensados pelo escritor Ricardo Azevedo (2008) presentes em seu livro “Vou-me embora dessa terra, é mentira não vou não!” para a escrita de histórias de aventura e escreveram suas criações autorais em duplas ou em trios.

Diante da perspectiva de que as criações escritas devem partir dos enunciados e de suas condições de produção para entender como são criadas, sem ignorar a existência de suas formas. O problema está em pensar que a língua se resume a tais formas. Sobre esse problema, Bakhtin (1990), ao traçar um paralelo com a psicologia, afirma que estudar apenas o texto em si sem relacioná-lo à situação externa ao qual ele pertence é tão absurdo quanto estudar o sofrimento psíquico distante da realidade a partir da qual ele é determinado.

Por meio da elaboração de atos de escrita de gêneros do enunciado pelas crianças, possibilitou-se a elas experienciarem situações autênticas de intercâmbio verbal e, assim, a compreensão da verdadeira função desse instrumento cultural. E, ainda, por estarem inseridas num processo dialógico e ininterrupto, puderam criar novas necessidades e novos motivos para trocas verbais futuras.

Metodologia da pesquisa

Este artigo expõe dados obtidos em uma pesquisa de doutorado realizada com crianças do quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de um bairro periférico de um município de médio porte, localizado no interior do Estado de São Paulo que buscou a formação do leitor de livros literários compostos por imagens. A parte da investigação aqui exposta contempla o momento em que se proporcionou às crianças a

possibilidade de se tornarem autoras e ilustradoras de um livro coletivo de contos de aventura composto por enunciados escritos e por ilustrações.

É importante que os professores tenham em mente que, nos episódios em que a criança tem a chance de escrever tal e qual observa nos atos de escrita do mundo a sua volta – em casa, em lugares públicos ou mesmo na escola, ela passa a sentir vontade de participar desses atos, porque suas necessidades de fazer parte da cultura escrita começam a ser criadas.

Para que a elaboração dos livros de contos se concretizasse, durante o seu processo de criação, a professora trabalhou com inúmeras intervenções na *zona de desenvolvimento proximal* das crianças, uma vez que essa área determina as possibilidades de ensino. No caso em questão, os questionamentos, os estudos, a utilização dos recursos da computação e as explicações em relação à forma pela qual o enunciado foi criado, promoveram estratégias de revisão e de reescrita no processo de criação dos atos de escrita dos sujeitos da pesquisa.

Portanto, o professor ou parceiro com mais experiência deve atuar na zona de desenvolvimento proximal das crianças, pois é nessa área que os processos internos emergem, os saberes são estimulados e ativados nas crianças por meio das inter-relações com outros, uma vez que eles vão se convertendo em suas apropriações.

Essa zona, segundo Vigostki (2006), é determinada por meio da solução de problemas e de desafios pelas crianças sob a orientação de um outro mais experiente. Ela determina as possibilidades de ensino, não sobre os saberes já alcançados pela criança, mas sobre as expectativas de desenvolvimento existentes nessa área, uma vez que as funções psicointelectuais

[...] cabe a ele, a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural (Prado & Freire, 2001, p. 5).

Assim, uma das funções dos professores deve ser organizar suas relações com as crianças e as relações das crianças entre si, estimulando as trocas verbais, que são responsáveis não apenas por suas aquisições de conhecimento, mas também pela abertura de novas possibilidades de aprendizagens.

Visto que, os professores, como operadores de mediações, devem fazer incidir sua atividade de ensino nas possibilidades presentes na zona de desenvolvimento proximal das crianças, que podem ser convertidas em apropriações na convivência com as ações coletivas, fazendo-as avançar nos seus patamares de conhecimento e, consequentemente, de prática enunciativa.

Ademais, por conceber as manifestações de linguagem como materialização concreta que se estabelece como ato ético, a partir da necessidade de ocupar um lugar no mundo ligado à existência real (Bakhtin, 2010). Ressalta-se a autoria, manifestada na assinatura, como a responsabilidade de todo e qualquer humano por seus enunciados, exatamente porque tais atos verbais são dialógicos e exigem respostas e para isso é necessário que se saiba sua origem.

Além disso, diante das constatações elencadas anteriormente, para a exposição de parte da investigação a ser relatada, para que a autoria seja reforçada e a escrita desse artigo se configure como um ato responsável, a partir do tópico desenvolvimento, o relato será descrito e analisado em primeira pessoa, apesar de haver participação de duas pesquisadoras: uma como proponente e idealizadora e outra como revisora e auxiliadora do produto final da pesquisa – o livro de contos de aventuras.

Como o trabalho foi desenvolvido com crianças e existem normas para o desenvolvimento de pesquisa envolvendo pessoas, a pesquisa teve autorização do Comitê de Ética da universidade a qual se vincula, por meio da submissão de documentos à Plataforma Brasil, com o parecer favorável ao protocolo de número 5.541.249 de 22 de julho de 2022, em obediência às resoluções 196/96 e 251/97, que dispõem sobre a pesquisa com seres humanos.

Em relação aos processos metodológicos utilizados, a pesquisa tanto em sua geração quanto em sua análise de dados se fundamentou na dialogia, concebida pelos fundadores da Filosofia da Linguagem, Bakhtin e Volochinov. Tal metodologia defende a constituição do sujeito único e singular por meio da alteridade, sustentada pelas interações sociais em todas as esferas da atividade humana, que, desde o seu nascimento social, possibilita a formação da consciência humana.

Para Bakhtin (2017, p. 59, destaques do autor), “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”. Sendo, professoras e crianças, seres expressivos e falantes, portanto, pensantes, em todo o tempo houve o encontro de duas ou mais consciências interagindo e constituindo-se reciprocamente, cabendo ao professor o papel de criar as condições subjacentes e essenciais ao processo de apropriação da escrita para que as crianças pudessem se apropriar de conhecimentos específicos para escreverem suas histórias. Isso se deu por meio dos diálogos efetuados entre todos os envolvidos em direção a um mesmo objetivo: a publicação dos contos.

Com o intuito de incentivar outros professores e outras professoras, nos próximos tópicos serão relatadas, descritas e analisadas algumas ações necessárias à escrita dos contos para a publicação do livro de contos de aventura.

Desenvolvimento

Será que o mundo do texto existe quando não há ninguém para dele se apossar, para dele fazer uso, para inscrevê-lo na memória ou transformá-lo em experiência? (Chartier, 2009, p. 154)

Diante das considerações de Chartier (2009) sobre a manutenção do enunciado vivo, *propus*, como professora da turma, um desafio para as crianças por meio do diálogo em que ressaltai a importância de escrever para um destinatário real, diferindo das práticas realizadas na escola, que não cumpre com o propósito social dos enunciados escritos de serem endereçáveis para um outro, uma vez que os destinatários dos enunciados das crianças se resumem ao professor/à professora da turma, ao coordenador/à coordenadora da escola e, ainda, aos responsáveis por seu desenvolvimento de capacidades de escrita, cujo objetivo é verificar os avanços ou não na escrita das crianças.

Como uma forma de mudar a realidade descrita anteriormente, *propus* a publicação de um livro com os contos às crianças da turma. Como auxílio para motivação para seus atos de escrita, foi oferecida a elas os dezessete passos sugeridos pelo escritor Ricardo Azevedo (2008) para a escrita de histórias de aventura que fazem parte da obra intitulada “Vou-me embora dessa terra, é mentira não vou não!” que serviram como inspiração para as crianças se aventurarem no mundo da escrita literária.

Sobre a importância da criação de enunciados para o outro, esclarece Bakhtin (2006, p. 283)

[...] Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...]

O trabalho de apropriação da linguagem deve considerar o processo de trocas verbais fundamental, pois na interação entre a criança e seus interlocutores, por meio da linguagem, ela cresce intelectualmente e desenvolve seus conhecimentos, porque “[...] o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir” (Faraco, 2009, p. 81).

De acordo com esse ponto de vista, Vygotski evidencia que “A relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce por meio das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra” (Vygotski, 2001, p.107).

Mediante a apropriação dos gêneros do enunciado, as crianças podem produzir enunciados escritos de forma cada vez mais independente, ao considerar que

Quanto melhor dominamos os gêneros, tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (Bakhtin, 2006, p. 285).

A partir dessa ótica, a criança deve ser levada a participar ativamente de seu processo de aprendizagem, pois ele se concretiza e tem verdadeira serventia para sua vida, quando ela tem a chance de experienciá-lo como agente criadora de cultura (Leontiev, 1978), porque quanto mais vivencia situações reais com os gêneros, mais se apropria deles e deslinda a sua própria forma de se expressar, de se manifestar, de dizer a sua palavra.

Quando o exercício do dizer está presente na elaboração de seus atos, as crianças vão ocupando posições sociais diferentes: de criadoras, de narradoras, de autoras, de ilustradoras de enunciados etc. Assim, o trabalho do professor não se restringe apenas à explicitação, mas engloba “[...] a constituição do discurso social enquanto elaboração individual – que as crianças precisam (poder) realizar [...]” (Smolka, 2014, p. 154).

Nesse sentido, a escrita somente desempenha o seu papel genuíno se as crianças necessitarem usá-la em situações concretas de suas vidas. Para isso, os professores devem possibilitar a criação de necessidades nas/pelas crianças, favorecendo assim aprendizagens que possam contribuir para a seus processos de emancipação.

Após discutir cada um dos dezessete passos elaborados pelo escritor aludido para escrever uma história de aventura, a turma foi desafiada a escrever de um conto de aventura, para tal feito as crianças poderiam reunir-se em duplas ou em trios.

Em uma primeira versão, as crianças usaram o suporte papel para grafarem com o lápis a escrita do esboço do enunciado, durante o processo de discussão coletiva a respeito dos elementos que compõem a narrativa de aventura: personagens, enredo, situação inicial, local, problema, clímax e desfecho.

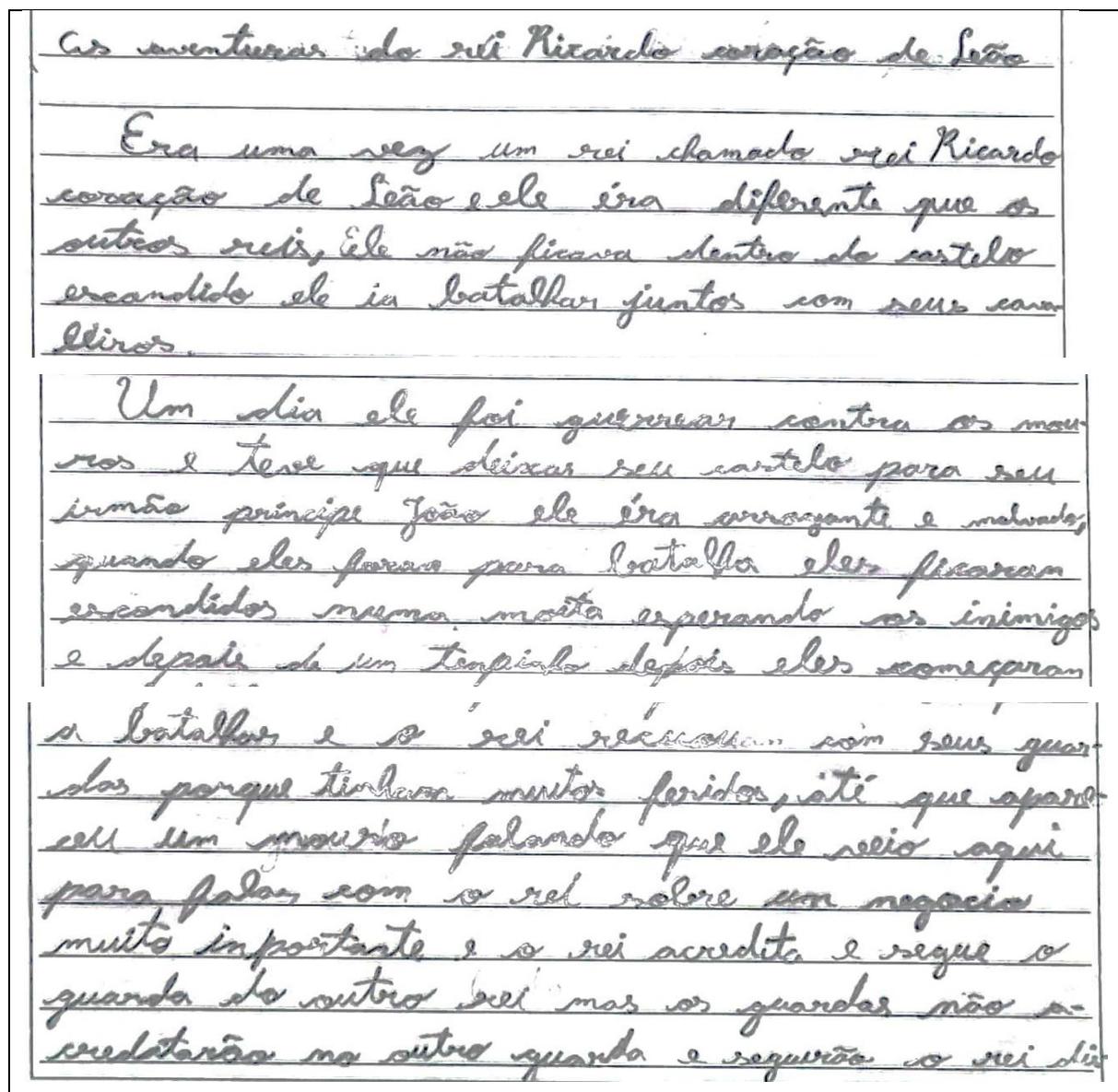
Após essa primeira escrita, surgiu a ideia publicar uma coletânea de contos e todos a aceitaram de imediato. O segundo passo foi encontrar uma Editora que pudesse lançar o livro no mesmo ano, pois no ano seguinte as crianças estariam em outra escola. Assim que a editora foi encontrada, a próxima etapa foi a conversa com os familiares que também aceitaram a ideia de publicação e ficaram responsáveis pela compra dos exemplares, posto que para a publicação a exigência da editora era a aquisição de no mínimo cinquenta exemplares.

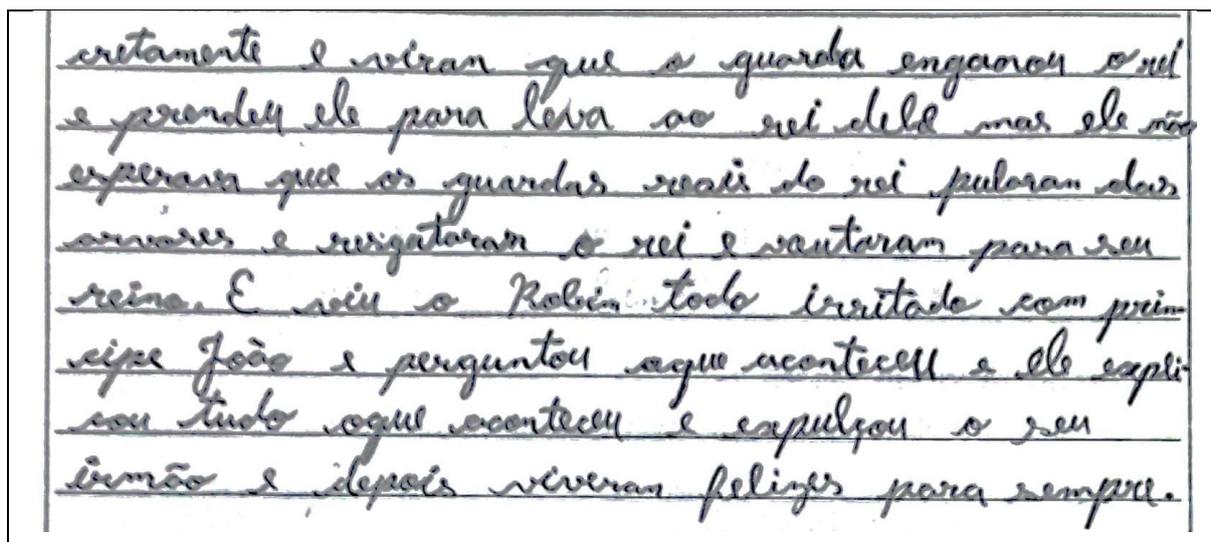
Com o apoio essencial dos familiares no financiamento do livro e das crianças, cujos olhos brilharam ao pensar no livro físico de própria autoria, a ideia de criação de um livro posta em prática. Com as histórias já escritas, a próxima etapa do trabalho foi torná-las apropriadas para a publicação.

Segue um exemplo da criação da primeira versão de uma dupla. Os alunos escreveram o conto em folha de papel. Depois digitaram o texto no *notebook*, tal como foi escrito por elas para realizarmos a segunda versão juntos. Com o enunciado projetado pelo *Datashow* da sala, questionei-os a respeito de alguns aspectos.

Após a proferição do conto para conhecimento de todas as crianças, conversamos com as crianças autoras sobre a primeira versão de seu texto e as ideias para melhorá-la.

Primeira versão de “As aventuras do rei Ricardo coração de leão” na folha de papel





Fonte: Registros da pesquisa em 15/09/2022.

Professora: Vocês criaram uma sequência a partir da narrativa do livro “Robin Hood” contando uma das aventuras do rei. Nós que conhecemos a história conseguimos compreender, mas quem lerá esse conto conseguirá entender a história?

Criança 1: Quem comprar o livro poderá ler a história.

Professora: Esse leitor tem condições de compreender ou faltam alguns detalhes?

Criança 1: Acho que compreenderá sim.

Professora: O texto foi escrito em dois parágrafos. É possível organizar melhor os parágrafos. Vou ajudar nessa questão. No primeiro parágrafo, vocês apresentam o personagem principal e algumas características sobre ele, que é a situação inicial. No segundo parágrafo, nós podemos deixar apenas o evento perturbador “Um dia aconteceu algo diferente na vida dele”. E como podemos fazer o terceiro parágrafo?

Criança 1: Começa em “Quando” e termina em “até que apareceu um mouro falando”.

Professora: Isso! Não tem a fala do mouro. Não seria mais interessante inserir uma fala para o mouro? Então seria outro parágrafo.

Crianças: Sim.

Professora: Em quanto tempo isso tudo aconteceu? Precisa inserir as palavras que indicam que o tempo está passando “Um dia”, “Depois de um tempo”, “No outro dia”, etc.

Criança 1: Entendi. Nós vamos colocar.

Professora: Vocês escreveram as palavras “ele/eles” muitas vezes. Ficou repetitivo. Quem é ele? Quem são eles? Podemos substituir por outras palavras para o texto ficar menos cansativo. Pode ser?

Crianças: Pode. Vamos arrumar.

Professora: O sobrenome do rei também é substantivo próprio, ou seja, deve ser escrito com letra inicial maiúscula. Agora, vamos melhorar o texto, pensando nesses aspectos que acabamos de falar?

Crianças: - Podemos colocar nobre em vez de rei de novo?

Professora: Podem. Majestade também pode ser

(Registros da pesquisa em 23/10/2022)

Por meio do domínio dos gêneros do enunciado, as crianças podem produzir atos de escrita de forma cada vez mais autônoma. Desse modo, deve-se tomar cuidado para não propor atividades destituídas de significado real às crianças, pois dessa forma se estaria seguindo o caminho inverso em relação à criação de necessidades para elaboração de atos autênticos de escrita.

Além disso, a escrita só exerce a função para a qual foi criada se as crianças sentirem a necessidade de usá-la. Para isso, os professores, no papel de operadores de mediações da cultura humana, devem ajudá-las a criar essas necessidades, para proporcionar-lhes um ensino que contribua para suas vidas.

Percebe-se assim que a linguagem só pode ser apropriada em sua completude e em seu fluxo, numa interlocução entre os sujeitos, pela qual, ao entrarem em contato com as palavras do outro, oferecem a sua contra palavra por meio do processo de dialogia, em uma interatividade complexa e dinâmica.

Para a elaboração da segunda versão e das demais versões, os enunciados foram digitados no programa de processamento de texto *Microsoft Word* com o uso do *notebook* da professora para que pudessem ser revisados e alterados com maior facilidade.

Nesse dia, foi realizada a segunda versão do conto cujo resultado foi:

Segunda versão de “As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão”

As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão

Era uma vez um rei chamado Ricardo Coração de Leão que era diferente dos outros reis, porque não ficava dentro do castelo escondido e ia batalhar junto com seus cavaleiros.

Um dia, o nobre foi guerrear contra os mouros e deixou seu castelo sob o comando de seu irmão príncipe João que era arrogante e malvado.

Quando foram para a batalha, ficaram escondidos esperando os inimigos. Depois de um tempo, os mouros apareceram e começaram a batalhar. Em certo momento, o rei recuou com seus guardas porque havia muitos feridos, até que apareceu um mouro:

— Vim aqui para falar com o rei sobre um assunto muito importante.

— Então diga – disse o rei desconfiado.

O rei acreditou e seguiu o guarda do rei dos mouros, mas os guardas da Majestade não acreditaram no outro guarda e seguiram o rei discretamente e viram que o guarda enganou o rei e o prendeu para levar ao rei dele. Mas ele não esperava que os guardas reais do rei Ricardo pulassem das árvores e resgassem o rei.

Os mouros voltaram para seu reino.

Ele estava raivoso com o que tinha acontecido. O rei João que estava passando por ali e perguntou o que estava acontecendo.

Fonte: Registros da pesquisa em 23/09/2022.

Em seguida, nas demais semanas, elaboraram, digitaram os contos e fizeram as revisões, algumas vezes coletivamente, noutras vezes individualmente ou em duplas.

A cada nova interação que estabelecia com as crianças, estive atenta para aproveitar as oportunidades de fazer com que elas incorporassem as novas informações à sua atividade de criação enunciativa, tendo em mente que assim seus saberes são inseridos em processos de apropriação, de objetivação e de usos, que complexificam cada vez mais seus fazeres. Visto que para o desenvolvimento das capacidades tanto linguísticas quanto autorais das crianças, faz-se impreterível a atuação do professor – como parceiro com mais experiência cultural – nas suas zonas de desenvolvimento proximais (Vigotskii, 2006), por meio do processo interativo, que as leva a se apropriarem de novas aprendizagens, uma vez que, se essas atuações e trocas se basearem somente nos níveis de desenvolvimento reais das crianças – onde elas já estão –, elas nunca seriam levadas para além da área em que se encontram, ou seja, não seriam conduzidas para as possibilidades de aprendizagens futuras.

Processo de revisão de contos pelas crianças



Fonte: Registros da pesquisa em 15/09/2022.

Professora: Vocês trabalharam muito bem até aqui. Parabéns! Agora falta finalizar o conto. Na primeira versão, apareceram Robin e João do nada. Você se se lembram?

Crianças: Sim.

Professora: Como escrever de forma que o leitor possa compreender essa parte? Lembrando que o leitor pode não conhecer a narrativa do Robin Hood.

Criança 1: Quando o Rei Ricardo e sua tropa voltaram para o reino, encontraram o Robin no meio do caminho. Ele “tava” nervoso porque o João, que “tava” substituindo o Rei Ricardo, matou o pai dele e roubou o povo.

Professora: Sim, eu sei por que conheço a história, mas como o leitor vai compreender isso? Vamos pensar como escrever?

Crianças: Sim.

Professora: Então vamos fazer juntos. Um de vocês pode ir digitando no notebook, ok?

Criança 1: Eu digito uma parte.

Criança 2: E eu outra.

Professora: Ótimo! Vamos escrever um parágrafo sobre o Robin?

Crianças: Sim.

Professora: Pode ser a partir desse trecho, vejam “Os mouros voltaram para seu reino Quem mais voltou?

Criança 2: O Rei Ricardo.

Professora: Ótimo! Escreva essa informação aí. E quem eles encontram no meio do caminho?

Criança 1: O Robin.

Professora: Como o Robin estava?

Criança 2: Com muita raiva do que tinha acontecido.

Professora: Isso. Então, como ficou? Leia para mim.

Criança 1: Os mouros voltaram para seu reino, e o rei Ricardo também. No meio do caminho, a tropa do bom rei viu o Robin, que estava raivoso com o que tinha acontecido.

Professora: Aconteceu com quem?

Criança 1: Com o Robin.

Professora: Então, tem que colocar que havia acontecido a ele. Assim, olha “que estava raivoso com que lhe havia acontecido” O que houve mesmo? Como vai ficar?

Criança 2: João matou o pai de Robin e roubou todo dinheiro da vila.

Criança 1: E Robin vai falar para o rei.

Professora: E o que o rei vai fazer quando toma conhecimento da morte e do roubo?

Criança 1: O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsa seu irmão para nunca mais o ver lá por perto.

Professora: Vocês poderiam dizer que ninguém mais o viu pelas redondezas em vez de lá perto.

Criança 1: Fica melhor assim mesmo.

Professora: Leia para mim para eu ver como ficou.

Criança 2: Você matou meu pai e roubou todo dinheiro da vila! – gritou Robin Hood indignado.

Professora: Ficou ótimo. E o final como ficou?

Criança 1: O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsou seu irmão e nunca mais o viu pelas redondezas.

Professora: Parabéns! Está perfeito!
(Registros da pesquisa em 23/10/2022)

Ressalta-se que o professor deve organizar, sempre que possível, grupos ou duplas de crianças para a resolução dos desafios de modo cooperativo, para que as crianças se expressem com liberdade, ousem, multipliquem suas ideias, elaborem novas ideias como um agente coletivo, sem perder de vista que é ele ou ela que vai supervisionar essas ações cooperativas, ajudando as crianças a traçarem as hipóteses e novos caminhos quando for necessário. (Zuckerman, 2015, tradução nossa).

Caso contrário, a ação conjunta calcada na imitação impossibilita as crianças de expressarem suas hipóteses, de fazerem perguntas sobre realidades desconhecidas ou contraditórias, porque nesse modo de interação a incumbência de refletir se transfere para o adulto ou para o parceiro com muito mais experiência. (Kohle, 2022, p. 97)

O grupo de crianças atua como um agente coletivo que faz todo o grupo avançar no levantamento de hipóteses, no debate, na verificação das possibilidades de elaboração escrita, na busca de métodos de criação, nos modos de revisão dos enunciados, no controle das etapas que o gênero enunciativo exige e na autoavaliação tanto do processo criativo quanto das capacidades desenvolvidas por elas.

Segue a versão final da narrativa “As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão”

Versão final de “As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão”

As aventuras do Rei Ricardo Coração de Leão

Era uma vez um rei chamado Ricardo Coração de Leão, diferente dos outros reis, porque não ficava dentro do castelo escondido e ia batalhar junto com seus cavaleiros.

Um dia, o nobre foi guerrear contra os mouros e deixou seu castelo sob o comando de seu irmão Príncipe João que era arrogante e malvado.

Quando foram para a batalha, ficaram escondidos esperando os inimigos. Depois de um tempo, os mouros apareceram e começaram a batalhar. Em certo momento, o rei recuou com seus guardas porque havia muitos feridos, até que apareceu um mouro:

— Vim aqui para falar com o rei sobre um assunto muito importante!

— Então diga – disse o rei desconfiado.

— Venha comigo e contarei tudo – falou o mouro.

O rei acreditou e seguiu o guarda do rei dos mouros. Os ajudantes da Majestade não acreditaram no outro servo e seguiram o monarca discretamente, sem ele perceber, e viram que o guarda havia enganado a Majestade, pois o prendeu para levar ao rei dele.

Porém, o mentiroso não esperava que os cavaleiros reais do rei Ricardo pulassem das árvores e resgatassem o rei.

Os mouros voltaram para seu reino, e o rei Ricardo também. No meio do caminho, a tropa do bom rei viu o Robin, que estava raivoso com o que lhe havia acontecido.

O rei João, que estava passando por ali por acaso, perguntou:

— O que está acontecendo aqui?

— Você matou meu pai e roubou todo dinheiro da vila! – gritou Robin Hood indignado.

O rei Ricardo, ao tomar conhecimento do fato, expulsou seu irmão e nunca mais o viu pelas redondezas.

Fonte: Registros da pesquisa em 24/09/2022.

Os aparelhos digitais podem ser considerados como possibilidade de emancipação do homem, sendo usados para ler e escrever notícias, enunciados literários, enunciados científicos, poesias, filmes, obras de arte, para buscar informações etc. Eles podem ter funções múltiplas como, por exemplo, serem usados como uma máquina de escrever muito eficiente que facilita correções e permite revisões de texto.

Braga & Ricarte (2010) ressaltam que ao levar em conta os impactos dos avanços tecnológicos nas práticas comunicativas, deve-se ter em mente que os aparelhos digitais são mais uma dessas muitas invenções tecnológicas e, atualmente, ocupam cada vez mais lugar de destaque nas práticas cotidianas. Com o surgimento dos computadores e outros aparelhos digitais e com a popularização da publicação de enunciados no meio digital, novas possibilidades para a criação verbal se abriram.

Os atos de escrita ensinados em seus diversos suportes podem desestabilizar a verdade única de se enxergar as coisas e favorecer a multiplicidade de olhares para ver tanto o homem quanto a própria humanidade. Além disso, esse ensino proporciona aprendizagens por meio de uma postura metodológica que se insere na vida das crianças e as liga ao contexto tecnológico.

Depois que todos os contos foram revisados pelas próprias crianças com meu auxílio e com o uso do *notebook* e do projetor multimídia, eles foram revisados mais uma vez. Após esses processos, cada criança ilustrou o seu conto.

No momento da revisão dos contos, foi mantido o objetivo de priorizar aspectos autorais presentes nos enunciados das crianças e, assim, portanto, foram alterados apenas aspectos necessários para a manutenção da compreensão dos contos pelos leitores, aspectos que poderiam prejudicar a intencionalidade enunciativa dos autores.

Após a revisão e a editoração dos contos, projetei o arquivo para que as crianças conferissem se a versão estava de acordo com o que haviam planejado, e as crianças observaram atentamente cada um dos seus enunciados e o posicionamento das criações artísticas que fizeram para ilustrá-los. Com isso, algumas crianças observaram algumas inadequações em relação às ilustrações e precisaram ser refeitas. Segue um exemplo de diálogo que comprova isso:

Criança 1: Se a menina está de cabeça para baixo, então o cabelo deveria estar caído para baixo devido à gravidade.

Professora: Verdade! Será preciso modificar então. Criança ilustradora, vou te dar outra folha para você refazer a ilustração.

Criança ilustradora: Não precisa, professora, eu consigo arrumar na mesma folha.

(Registros da pesquisa em 21/10/2022)

Ilustração feita por uma criança. À esquerda, primeira versão, e à direita após o diálogo - versão final



Fonte: Registros da pesquisa em 22/10/2022.

Segue um dos exemplos em que as crianças ilustradoras sentiram necessidade de retocar a pintura dos seus desenhos para deixá-los mais vivos:

Ilustração feita por uma criança. À esquerda, primeira versão, e à direita após retoque - versão final



Fonte: Registros da pesquisa em 22/10/2022.

Ressalta-se que tanto as revisões e as adequações linguísticas quanto os retoques nas ilustrações, como todos os processos reais de criação escrita e imagética, devem ser vivenciados no final, uma vez que outros elementos

essenciais como a situação de troca verbal em curso, o conteúdo a ser dito e ilustrado e, ainda, o conhecimento dos gêneros do enunciado devem ser a preocupação inicial nos processos de criação verbal e imagético.

Produção de outros enunciados pertencentes ao gênero livro: agradecimentos, dedicatória e autobiografia

Enquanto os interesses de criação verbal forem renovados pela própria dinâmica do processo de intercâmbio verbal, as crianças constroem novos enunciados ao materializar novas interações que compõem uma cadeia infinita e ininterrupta de elos compostos por manifestações verbais, a qual se denomina de linguagem. Desse modo, foi proposta a elaboração coletiva dos agradecimentos, da dedicatória e da autobiografia às crianças.

Para a elaboração da dedicatória e dos agradecimentos, seguindo a minha orientação, como professora, a turma fez a leitura de alguns agradecimentos e de algumas dedicatórias presentes em livros diversos que compunham tanto o acervo da sala quanto acervo da biblioteca da escola. O fato de que a abrangência dos enunciados publicados ser bem maior do que as dos outros enunciados já produzidos por elas na escola foi percebido e externalizado pelas crianças ao serem questionadas sobre o que estavam aprendendo com esse processo de escrita para publicar um livro. Elas ressaltaram a relevância dessa criação enunciativa para sua formação e como uma contribuição delas para o mundo das letras, evidenciada no momento em que foram escrever coletivamente os agradecimentos e a dedicatória do seu livro. O seguinte diálogo demonstra isso:

Professora: Para quem nós vamos escrever os agradecimentos?

Criança 1: Nós queremos agradecer a você, professora?

Professora: Mas por quê?

Criança 1: Porque se não fosse você não teria tido este projeto e a gente nunca publicaria um livro, pode ser que a gente não tenha outra oportunidade dessa na vida.

Criança 2: Se não fosse você, professora, estaríamos fazendo outra coisa. A gente estaria fazendo aula agora.

Professora: Mas o que a gente está fazendo aqui agora? Não é aula?

Criança 2: Sim, professora! Quis dizer que a gente estaria fazendo outro conteúdo.

Professora: O que a gente está fazendo aqui agora?

Crianças: - A gente está escrevendo os agradecimentos.

Professora: - E o que é isso?

Crianças: - É uma produção coletiva de texto.

Professora: Esses agradecimentos vão para onde? Para quem que a gente está escrevendo? As outras professoras também produzem textos coletivos com suas turmas e os textos vão para onde?

Crianças: Esses textos vão para a pasta de produções.

Professora: Para quem ler?

Crianças: A professora, as coordenadoras, o diretor ou os pais, na reunião...

Professora: Quem mais os lê?

Crianças: Fica lá na pasta.

Professora: E os agradecimentos que estamos escrevendo agora?

Crianças: Vão estar no livro.

Professora: E quem vai ler?

Crianças: Todo mundo que quiser, quem comprar o livro.

(Registros da pesquisa em 26/10/2022)

Seguem os agradecimentos e a dedicatória tal como foram redigidos coletivamente em sua versão final:

Versão final dos Agradecimentos

Agradecimentos

Queremos agradecer:

A **Deus**, por ter nos ajudado a enfrentar uma pandemia e estarmos todos bem e com saúde.

Aos **nossos familiares**, por terem apoiado esse Projeto de todas as formas possíveis.

À **Érika Christina Kohle**, por ter generosamente lido e revisado nossos contos e incentivado a publicação.

À **Professora Gisele**, por ter tido a ideia de criar esse Projeto e nos dar a oportunidade de divulgar nossas histórias para o mundo porque sem ela nada disso teria acontecido. Teremos uma bela lembrança da escola.

Fonte: Registros da pesquisa em 26/10/2022.

Versão final da Dedicatória

Dedicatória

Dedicamos este livro:

A **todas as crianças** que também imaginam como nós,
 Ao **Rui de Oliveira** por ter nos inspirados,
 E ao **Ricardo Azevedo** por ter criado os dezessete passos para criar uma história de aventura.

Fonte: Registros da pesquisa em 26/10/2022.

Para a produção das autobiografias, pedi que escrevessem um ou dois parágrafos sobre o que gostariam que outras pessoas soubessem sobre eles, além das informações essenciais como nome completo, data de nascimento e local onde moram atualmente. Como o prazo de entrega de todo o material para a editora estava se esgotando, uma vez que o objetivo era a publicação até o início de dezembro, pedi para rascunharem em folha de papel e depois digitassem os enunciados com o *smartphone* e com o *notebook*, para as próximas versões e para o envio à editora.

Observei que o *smartphone*, por ser um dispositivo eletrônico de uso frequente pelas crianças, facilitou a escrita porque já sabiam como o manusear. Auxiliei em relação à pontuação e o uso da letra maiúscula, uma vez que o aparelho fornece um banco de palavras antes mesmo de concluir a escrita da palavra desejada, resolvendo possíveis erros de grafia de palavras.

Crianças produzindo suas autobiografias no notebook ou no celular



Fonte: Registros da pesquisa em 26/10/2022.

A seguir, um diálogo para ilustrar como a escrita com o uso do celular se efetivou:

Professora: Ali onde você escreveu “Meu nome é ****”, depois do último nome tem um ponto final. Vai lá põe um ponto final depois de ****. Isso. Agora esse “tenho” é com letra maiúscula. Você consegue fazer esse “t” com letra maiúscula?

Criança autora: Vou saber como faz?!

Professora: Tenta clicar de novo entre o “t” e “e”. Isso, agora apaga. Onde apaga? Isso. Agora a letra maiúscula. Você sabe fazer? Põe o “T” agora. Tenho dez anos, vírgula, nos “anos”. “Faço aniversário”. Vamos lá para o “aniversário”. Tem alguma coisa errada no “aniversário”. Volta aqui. Ah, você não terminou de escrever “aniversário”.

A criança autora balança a cabeça negativamente.

Professora: Aniversário tem acento no “a”. Não tem letra maiúscula aí. Isso, tira. Digita “ani” que ele completa a palavra para você. Aqui “aniversário” (apontando para o banco de palavras). “Faço aniversário dia...” Continua. Você lembra quando é?

Criança Autora: 19/03/2012.

Professora: Isso. Sabe fazer o 19?

Criança Autora: É para colocar o número?

Professora: Sim. Você sabe fazer? Sabe colocar a barra? Deixa te ensinar. Aqui ó. Aperta aqui nesta setinha. Aqui mesmo. Isso. Isso mesmo. Pode por.

Criança Autora: Assim?

Professora: Isso. E o que mais você quer escrever agora?

Criança Autora: Das coisas que eu gosto.

Professora: Então escreve, daí a gente corrige.

(Registros da pesquisa em 26/10/2022)

Em seguida, questionei às crianças com a intenção de fazer com que as elas percebessem a abrangência do enunciado publicado – destinado ao público em geral e, especialmente, aos interessados em enunciados pertencentes ao gênero contos de aventuras. As crianças expressaram as aprendizagens efetivadas no decorrer do processo, como podemos constatar no diálogo a seguir:

Professora: Com todo esse trabalho que a gente fez, desde quando a gente iniciou – vocês criaram a história de aventura dia 15/09, hoje é 26/10, olha o tempo que a gente está trabalhando com esse conto de aventura, mais de um mês – o que vocês aprenderam com esse trabalho de produzir um livro?

Criança 1: Eu aprendi que toda ideia que a gente tem, a gente tem que ler do começo para poder continuar a ideia se tem a ver com a história.

Criança 2: Eu aprendi a adicionar coisas no texto, mais detalhes, porque antes eu fazia textos menores e coisas que não tinham sentido [...]

Professora: Por que a gente precisa adicionar, acrescentar detalhes ao texto?

Criança 2: Para ficar mais detalhado, para os leitores entenderem.

Professora: Entenderem o quê?

Criança 2: Entenderem o sentido do texto.

Criança 3: Eu aprendi a fazer contos de aventura porque eu não sabia.

Criança 4: Aprendi como fazer um livro.

Criança 1: Onde tem que colocar as pontuações, as vírgulas no conto.

Criança 3: A arrumar os textos porque antes a gente fazia, a professora corrigia e colocava na pasta. Agora que a gente corrigiu no *notebook* ficou melhor.

Professora: A criança 3 falou uma coisa muito importante, que no *notebook* facilita a correção. Por que no *notebook* facilita a correção? Quantas vezes peguei o texto de vocês no papel, coloquei os códigos de correção e pedi para vocês corrigirem. O que é mais fácil: vocês corrigirem no papel ou no *notebook*?

Criança 4: É melhor no *notebook* porque marca quando você errou uma palavra.

Professora: Só isso? O que mais?

Criança 3: Quando você faz a correção no papel você tem que escrever tudo de novo só que certo, já no *notebook* você pode apagar a palavra que você errou, as coisas que você errou, e colocar. Aí é mais fácil.

Criança 5: No texto [referindo-se à folha de papel] quando a gente vai fazer a segunda versão a gente tem que refazer o texto inteiro, e no *notebook* é só apagar as coisas que estão erradas e escrever de novo.

Professora: [...] aí, de repente, você percebe que esqueceu de pular uma linha ou esqueceu de inserir a situação inicial ou o evento perturbador, na folha o que tem que fazer?

Criança 3: Apagar e fazer tudo de novo. Ou começar em outra folha.

Professora: E no computador? Eu apago todo o texto? Ou descarto?

Criança 3: É só você ir à linha e adicionar o que falta.

Criança 6: Aprendi as etapas para fazer um livro.

Professora: Hum... Nós aprendemos as etapas para fazer um livro. Quais são essas etapas? Alguém sabe?

Criança 6: Tem que fazer todos os textos, as ilustrações, os agradecimentos, a dedicatória, o sumário, as capas do livro.

Professora: É uma coisa importante que a gente tem que fazer?

Criança 2: Corrigir os textos, a segunda versão.

Professora: Nós fizemos só duas versões?

Criança 3: Fizemos quatro: a primeira na folha e as outras no computador.

Criança 1: Voltando naquele assunto do computador, também quando a professora esquece de colocar alguma letra, vírgula, pontuação, ele já corrige.

Professora: O computador mostra pra gente voltar porque esqueceu alguma coisa. E quando você está escrevendo no papel?

Algumas crianças: No papel não.

Criança 5: Aprendi também as etapas [passos] de como fazer um conto de aventura.

Professora: Você lembra quais são essas etapas?

Criança 5: É que a primeira você tem que inventar um personagem e o lugar que ele mora. Tem que ter um lugar proibido.

Criança 3: Uma coisa que o personagem não pode fazer e ele faz.

Criança 7: Aprendi que não pode usar nomes que já existem. Nomes de lugares nem de pessoas.

Professora: Poder, pode. Mas se a gente colocar nomes que já existem não fica interessante. Se fizer diferente como fizemos [colocar os nomes ao contrário] o leitor vai ficar pensando: o que significa isso? De onde surgiu essa ideia mesmo, de escrever as letras de trás para frente? Eu lembro que foi ideia da criança 3. Se a gente voltar desde o início, olha quantas histórias desse processo de escrita a gente tem pra contar. Cada conto tem uma história da sua elaboração.

Criança 3: Professora, o nosso conto é do século XIX, da colega é de hoje em dia (do Halloween), e do outro colega é mais do futuro.

Professora: Cada conto é de um tempo diferente. Olha que diversidade!

Criança 3: Professora, também aprendi outra coisa: antes eu colocava várias palavras repetidas, agora não. Quando faz no computador, aparece de azul.

Professora: Por que não pode usar palavras repetidas?

Criança 3: Porque fica muito repetitivo.

Criança 8: Aí vai perder a graça.

Professora: Fica chato, fica cansativo.

(Registros da pesquisa em 26/10/2022)

Depois de passar por todos os processos de revisão, editoração e de publicação, no dia treze de dezembro de 2022, ocorreu o lançamento do livro “No meio dos quinze contos de aventura tem um pé de imaginação!” conferindo status de autoras às crianças que se tornaram também ilustradoras de uma obra publicada, autoras inclusive da ilustração da capa.

A turma, que obteve uma alfabetização humanizadora por meio de criação de enunciados desde o início de sua trajetória nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, encerra esse ciclo ao participar de todo o processo de publicação de uma obra – idealização, criação de inúmeras versões, criação das ilustrações, revisão final dos contos, produção dos diversos enunciados específicos ao livro, publicação, lançamento e sessão de autógrafos.

A equipe gestora da escola organizou o espaço da biblioteca para a sessão de autógrafos que contou com a participação dos familiares das crianças autoras, de alguns professores e funcionários da escola, da revisora do livro e de Professores Doutores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp.

Devo evidenciar que a publicação do livro foi possível em razão do total apoio dos familiares, os quais financiaram a compra dos exemplares, e das crianças, que se engajaram desde o início no processo de escrita.

Em relação ao meu papel como professora, ficou evidente que o docente,

[...] ao exercer o papel de quem tem mais experiência, consegue agir na direção de contribuir para a formação de objetivos conscientes nas crianças escolares para que elas possam atribuir sentido a suas ações de estudo, assim como fazem em suas vidas. No que diz respeito à aprendizagem dos diferentes gêneros de enunciados, cabe ao professor proporcionar às crianças situações de criação de enunciados escritos em que o escrever se torne uma necessidade para elas e, assim, possam gerar nelas os motivos pelos quais considerariam crucial para suas vidas a atividade de escrever e se lancem efetivamente no ato de criação verbal (Kohle, 2022, p. 326).

O trabalho foi muito produtivo ao favorecer a apropriação dos conhecimentos inerentes à linguagem escrita, sobretudo ao possibilitar às crianças a descoberta de que podem ser autoras, bem como ilustradoras de suas próprias histórias, as quais poderão voar pelo mundo, transcendendo o seu arquivamento em pastas de produção textual.

Capa do livro publicado



Fonte: Registros da pesquisa em 26/10/2022.

Por meio da proposta de criação de um livro coletivo de contos de aventura para as crianças pela professora e de todo o processo para a concretização de tal projeto, obteve-se como resultado uma obra que leva seus leitores a estabelecerem contatos com as diversas manifestações de arte, uma vez que os autores das aventuras são os ilustradores dos contos, tornando o diálogo em torno do sentido e da significação infinitamente ampliado.

Considerações Finais

Diante de parte da pesquisa apresentada neste artigo, considera-se que a elaboração e a organização de uma obra literária por um coletivo de estudantes com sua professora inspiram outros docentes e suas turmas a se adentrarem no mundo da imaginação e a criarem as mais diversas histórias dentre as infinitas possibilidades do mundo fictício.

E, ainda, que tal feito nos leva a refletir sobre como o caminho que os educadores elegem para a formação de crianças e jovens pode oferecer-lhes um meio privilegiado de apropriação de conhecimentos, de formação de atitudes e de valores e de desenvolvimento de capacidades que permitem a eles compreenderem sua realidade e nela atuarem de forma responsável, criativa e transformadora.

Referências

Azevedo, R. (2008). *Vou-me embora desta terra, é mentira eu não vou não!* São Paulo, SP: Moderna.

Bakhtin, M. (2006). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Bakhtin, M. (2017). *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo, SP: Editora 34.

- Bakhtin, M. (2010). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Bakhtin, M. (1990). *Questões de literatura e estética*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Braga, D. B., & Ricarte, I. L. M. (2010). *Letramento e tecnologia*. São Paulo, SP: Cefiel / IEL/ Unicamp.
- Chartier, R. (2009). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo, SP: UNESP.
- Faraco, C. A. (2009). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Kohle, E. C. (2022). *O desenvolvimento da capacidade autoral em crianças dos anos iniciais do ensino fundamental por meio da atividade de estudo*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC - UNESP - Campus de Marília, Marília.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre.
- Smolka, A. L. B. (2014). *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo, SP: Cortez.
- Vigotskii, L.S. (2006). Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In VIGOTSKII, L.S., LURIA, A.R., & LEONTIEV, A.N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. (p. 103-117), São Paulo, SP: Ícone/EDUSP,
- Vygotski, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Zuckerman, G.A. (2015). O desenvolvimento da reflexão através da aprendizagem. *Journal of Russian & East European Psychology*, 52 (3), 36–73.

Informações sobre os autores

Gisele de Assis Carvalho Cabral: Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista de Marília, Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental vinculada à Secretaria Municipal de Educação do Município de Marília.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4885-6874>

E-mail: gisele.ac.cabral@unesp.br

Érika Christina Kohle: Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista – Marília, Professora do Ensino Médio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, Diretora de Escola Municipal da Secretaria Municipal de Educação de Marília.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0907-4420>

E-mail: erika.kohle@unesp.br

Submissão em: 29 de janeiro de 2023

Aceito em: 08 de agosto de 2023